Marcia Leonardecz

" SEGREDOS EM FAMÍLIA "

Com a colaboração de Antonio Leonardecz

Este livro é dedicado a todos que incentivam o meu trabalho.

Diagramação e Revisão:
Marcia Leonardecz

Capa:
Marcia Leonardecz

2ª Edição

Segredos em Família
Copyright © 2018 / 2021 por Marcia Leonardecz

Todos os direitos reservados.
Protegidos pelas leis do direito autoral.
Nenhuma parte deste Livro pode ser utilizada ou
reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito da escritora.

SEGREDOS EM FAMÍLIA

Marcia Leonardecz

CAPITULO 1

PARTE 1

-- Ricardo, tem certeza que devemos agir desta maneira?

-- Claro Peter. Se conseguirmos este contrato, a empresa crescerá muito mais. Além de nos tornarmos a maior construtora da cidade – falou o homem, sorrindo.

-- Mas você se lembra da última vez que fizemos uma loucura parecida com essa, em 1990...

-- Sim, lembro-me muito bem – interrompeu Ricardo – foi um sucesso, nos saímos maravilhosamente bem – completou ele, olhando para os três homens a sua frente.

-- Ricardo, foi nesta ocasião que uma concorrente nossa muito forte foi a falência. E...

-- Sim, claro que lembro Augusto – Ricardo falou, interrompendo o sócio – foi uma tragédia, mas isto são águas passadas – ele completou.

E ignorando a expressão de desaprovação de Augusto, virou-se para o diretor de projetos e disse:

-- Peter, pode entrar com a licitação ainda hoje, se possível. O quanto antes tomarmos...

-- Não seria melhor pensarmos direito, Ricardo? – Augusto interrompeu, tentando convencer seu sócio a não tomar uma outra atitude insensata.

-- Augusto, meu jovem, respeito muito sua posição nesta empresa, mas eu ainda sou o sócio majoritário e sei muito bem o que é o melhor – falava ele buscando por Otávio, que havia se levantado

em direção a janela, onde estava em pé, olhando para algum lugar muito distante. Seu olhar estava longe, como se estivesse pensando em alguma coisa.

-- Otávio! – chamou Ricardo – O que você tanto pensa? Parece estar com os pensamentos longe daqui.

Otávio virou-se para seus sócios e entre um sorriso respondeu:

-- Estava justamente lembrando de 1990, do que Peter disse, da loucura que fizemos.

-- E você concorda com Peter? – Ricardo perguntou.

Otávio se aproximou dos três homens e olhando para Ricardo e depois para Peter, respondeu sorrindo:

-- Não concordo. O que fizemos em 1990, Peter, foi a melhor de todas as idiotices que alguém poderia fazer.

Levantando-se e olhando para os sócios a sua frente, Ricardo falou:

-- Não se fala mais nisso. Acho que encerramos por aqui – completou ele sorrindo para Otávio e depois para os demais sócios. Saindo em seguida sem dizer mais nenhuma palavra.

-- Será que ele não vê que vamos criar problemas com esta concorrência? – resmungou Peter, levantando-se e se encaminhando para a porta.

-- Ele está cego de ganância – Augusto retrucou com raiva.

Otávio não falou nada. Apenas observava seus dois sócios. Estavam muito indignados. Eram jovens, não tinham experiências. Apesar de Peter estar a mais tempo na empresa que Augusto e já ter participado de várias outras licitações e concorrências. Não entendia o porquê ele ficara tão incomodado.

Peter e Augusto se olharam por segundos e Peter saiu, fechando a porta sem nada a dizer.

Otávio percebeu os olhares de desaprovação sobre a atitude e decisão final de Ricardo. O amigo com certeza iria encontrar problemas pela frente. E olhando para Augusto disse:

-- Eu posso imaginar o que você e Peter estão sentindo, Augusto. No meio dos negócios, às vezes, é necessário tomarmos decisões que a princípio parecem injustas – levantou-se e antes de sair completou -- mas no decorrer de todo o processo, se descobre que foi a melhor coisa a se fazer – falou batendo levemente no ombro do rapaz, saindo.

Augusto ficou ainda por mais alguns minutos, estava se sentindo humilhado. Ricardo nem ao menos quis lhe ouvir, simplesmente o ignorou na frente de todos. Nunca perdoaria Ricardo.

Levantou-se e saiu da grande sala de reunião. E quando já chegava ao corredor que o levaria até a sua sala, foi surpreendido por alguém que chamava seu nome.

-- Augusto, espere! – chamou Carlos, gerente administrativo da empresa.

-- O que foi Carlos? – perguntou Augusto, virando-se.

-- Eu acabei de falar com o sr. Ricardo – respondeu o rapaz se aproximando de Augusto – ele pediu para falar com você.

-- E o que é? – Augusto perguntou desinteressado, enquanto abria a porta da sua sala. Não estava no seu melhor momento para resolver picuinhas da empresa.

-- Quero entregar minha carta de demissão – falou Carlos com um envelope na mão.

-- O que?! – perguntou Augusto, olhando fixamente para o jovem a sua frente – Você o que? – perguntou ele novamente.

-- Vou sair da empresa.

-- Sente-se. – Augusto pediu, apontando uma cadeira a frente da sua mesa – Pode me explicar que loucura é essa?

Nesse mesmo momento Ricardo entrava em sua sala acomodando-se em sua cadeira, atrás da sua grande mesa. Estava exausto.

A reunião não saíra como o esperado. Não imaginava que Peter e Augusto iriam se opor a concorrência.

Eram os mais jovens da diretoria, ainda lhes faltava astúcia. O

que ele próprio e Otávio tinham de sobra.

Mas não entendia Peter, ele já devia estar acostumado, já havia participado de muitos outros projetos audaciosos, porque agora foi contra? Seria por causa de Augusto?

Augusto era filho de Sergio, ex-sócio da empresa, que morreu após o grande sucesso de 1990. E seu filho herdara seus 15% das quotas e se tornara o diretor administrativo da empresa. Peter também havia herdado os 15% do seu pai, mas foi muito antes de 1990, ele era o diretor de projetos, ótimo profissional, e Peter não era nem um pouco diferente do pai.

"Mas porquê da atitude de hoje? Estaria Peter sendo influenciado por Augusto?"

"Ainda bem que Otávio interveio a seu favor. Pois eles não poderiam perder essa nova grande oportunidade."

Otávio foi um dos fundadores da empresa, junto com ele Ricardo, Sérgio e Mario o pai de Peter. Todos com os mesmos pensamentos e perspectivas de trabalho. Infelizmente dois se foram cedo demais.

Recostou-se na cadeira e lembrou de 1990. Foi o ano mais importante para eles, conseguiram derrubar uma empresa muito forte e tradicional em empreendimentos imobiliários, A Rebel Consultoria de Imóveis. Antonio Rebel não suportou os contratos e licitações oferecidas pela Acompany. Nessa época Sergio, ainda vivo, foi quem teve a ideia das concorrências. Eles ganhavam todas. Deixando Rebel praticamente sem clientes em potencial. Tomando a única decisão que lhe restava, concordada e logo depois a falência. Ricardo e Antonio Rebel se tornaram inimigos.

Rebel prometeu se vingar. Mas isto não fez que a Acompany parasse. Pois no ano seguinte eles entraram com mais e mais contratos impossíveis para outras empresas realizarem, mas não para a Acompany.

Sergio morreu dois anos depois, deixando suas quotas para Augusto. Um ótimo rapaz, muito dedicado, mas nem um pouco pare-

cido com o pai, faltava-lhe astúcia e coragem...

Seus pensamentos foram interrompidos com uma batida na porta e logo em seguida com a presença de Augusto.

-- Você deixou mesmo que o Carlos saísse? – perguntou Augusto áspero, jogando uma folha de papel em cima da mesa de Ricardo.

-- O que eu poderia fazer – Ricardo respondeu, pegando o papel para ler. Era o pedido de demissão de Carlos.

-- Ele vai trabalhar com Luiz Without.

-- Eu sei – disse Ricardo, paciente.

-- Luiz é dono das Without – bradou Augusto.

-- Eu sei disto, Augusto.

-- E não está preocupado? – Augusto perguntou, perplexo.

-- E deveria? – perguntou Ricardo, levantando-se e se encaminhando para o bar.

-- Carlos pode muito bem nos trair – respondeu Augusto ríspido, perdendo a paciência.

-- Eu sei o que quer dizer Augusto. E compreendo sua preocupação. Mas você tem que aprender a lidar com a concorrência – disse ele entregando um copo de Martini para Augusto – Se acalme, ficar nervoso assim não vai leva-lo a nada -- completou, sentando-se – esta não é a primeira vez e nem será a última vez que...

-- Estou atrapalhando? – perguntou uma bela moça entrando e beijando a face de Ricardo, carinhosamente.

-- Oi milha filha, que surpresa agradável – falou Ricardo retribuindo o beijo – eu e o Augusto estávamos discutindo sobre nossos concorrentes.

-- Ah, você se preocupa demais com isto, Augusto – disse a moça, piscando para o rapaz.

-- Seu pai acabou de me falar a mesma coisa, Katlen.

-- Isto faz parte da família – ela falou sorrindo – é uma pena que o Junior não possa estar conosco -- acrescentou olhando para seu pai.

E antes que Ricardo pudesse falar alguma coisa, Augusto perguntou:

-- E como está o Junior?

-- Bem melhor, se recuperando bem depressa. Esperamos tê-lo aqui para o Natal – respondeu a Moça.

-- E ele terminou o estágio que estava fazendo? – Augusto pergunto para Ricardo.

-- Terminou sim. Faz tempo. Eu já o convidei para vir trabalhar aqui na Acompany, mas ele não quer – respondeu Ricardo – é uma pena, pois tem um talento e tanto – completou.

-- Puxou o pai – falou Katlen.

-- E você, também puxou? – Augusto perguntou.

-- Eu? Não, não gosto de assessoria imobiliária, isto é para meu pai e meu irmão.

-- Assessoria não Katlen, somos construtora, empreendedora – corrigiu Ricardo -- trabalhamos com empreendimentos.

-- Seu pai tem razão Katlen, mas como seu irmão não está aqui, fica tudo para seu pai e ...

-- Não por muito tempo, Augusto. Logo, logo Katlen se casará e o seu marido tomará conta de tudo para mim, visto que ela não quer saber de nada disto aqui – interrompeu Ricardo, olhando para a filha, fazendo cara de magoado.

-- E posso saber quem será o grande sortudo? – perguntou Augusto, olhando para Katlen – "Como ela é linda", pensava o rapaz.

-- Augusto, você sabe! – respondeu a moça, encarando-o, tirando-o dos seus pensamentos.

Augusto pensou por segundos, tentando imaginar de quem ela estaria falando.

-- O Peter?!! – exclamou ele com desaprovação – Meu Deus!! Você não sabe escolher seu namorado – disse Augusto, desapontado.

-- Posso saber o porquê dessa sua indignação? – ela perguntou irritada.

-- E ainda pergunta? – disse ele levantando-se e encarando-a – Ricardo, diga a sua filha que é uma loucura casar-se com Peter – falou ele, virando-se para Ricardo, atrás de socorro.

-- Eu não direi uma só palavra, Augusto – respondeu Ricardo, se divertindo com a situação – ela sabe o que faz.

-- Obrigada papai, agora se me dão licença – dizia ela, se aproximando do pai para um beijo carinhoso – tenho que visitar um alguém – disse já ao lado de Augusto, encarando-o, saindo em seguida.

Augusto acompanhou-a com o olhar. Como ela mexia com ele. Ele não sabia ao certo, mas estava se apaixonando por ela.

-- Hum, hum! Desculpe atrapalhar seus devaneios, mas eu acho que em vez de ficar aí em pé, perdido em seus próprios pensamentos e desejos, porque não luta pelo o quer? – falou Ricardo, levantando-se e se aproximando de Augusto.

-- Não entendi – resmungou Augusto.

-- Não se faça de bobo, Augusto Stiefel, eu sei que você é apaixonado pela minha filha – Ricardo falou se aproximando da porta.

-- Mas ela não gosta de mim.

-- E como sabe? – perguntou Ricardo, voltando-se para Augusto – Ela já te falou isto?

-- Não, nunca. Mas nem precisa. Já viu como ela me trata.

-- Por que não tenta – Ricardo incentivou.

-- Eu teria chances?

-- Experimente. Se não arriscar, nunca irá saber. – Ricardo apoiou – Tenho que ir – falou ele se afastando – ainda tenho que passar no médico antes de ir almoçar.

-- E como anda seu coração? – Augusto perguntou, interessado.

-- Na mesma. Continuo com o mesmo tratamento e remédio – respondeu Ricardo parado na porta.

-- E se de repente aumentasse a dose?

-- Quer que eu tenha um enfarte?

-- Não! Claro que não. Desculpa, eu não entendo de remédios...e apesar das nossas diferenças, eu me preocupo com o senhor.

-- É claro que não entende. E eu compreendo sua preocupação -- disse Ricardo, sincero – e agradeço por ter me chamado de senhor, é a primeira vez que me chama assim – Ricardo falou, se aproximando e abraçando afetuosamente Augusto -- gosto de respeito, e ficaria muito feliz em tê-lo como meu genro. Pense no assunto – disse saindo e fechando a porta.

Por segundos, Augusto pensou seriamente na sua conversa com Ricardo. Pegou o telefone e discou para a sala de Peter, a secretária avisou que ele tinha saído para almoçar com Katlen. Augusto agradeceu e desligou.

"Valeria mesmo a pena arriscar? Ricardo estaria com a razão?" Saiu e voltou a sua sala. Ainda tinha muito o que fazer. Deixaria para pensar em Katlen mais tarde. "Mas porque não começar agora?"

Procurou um número de telefone e ligou para uma floricultura. Encomendou um buquê de rosas e mandou entregar na casa de Katlen Cristina Sastid. Olhou para o relógio, eram 12h20min, onde almoçaria? Saiu e foi a procura de Álvaro, convidaria o sócio para um almoço rápido.

Ricardo foi para casa pegar a esposa, após sua consulta médica, para almoçarem no restaurante preferido dos dois. Infelizmente não poderia prolongar por demais seu almoço com Maria Suzana. Mas com certeza o tempo que passariam juntos seria muito agradável.

Ao chegar no restaurante com Suzana, foram recebidos pelo recepcionista que já os conheciam e os levou até a mesa preferida deles.

Ricardo todo atencioso, puxou a cadeira para que Suzana se sentasse, e após um beijo carinhoso na esposa, sentou-se em seu lugar.

Pegaram o menu que o garçom lhes entregava e após passarem os olhos pelo cardápio, Ricardo fez o pedido.

Olhou carinhosamente para a esposa e com um sorriso amoroso perguntou como tinha sido a sua manhã.

Maria Suzana contou em detalhes, sempre muito alegre. Ricardo se divertia com as histórias da esposa.

Foram interrompidos com a aproximação do garçom trazendo a entrada e logo em seguida o prato principal.

Entre uma garfada, Maria Suzana olhou para Ricardo e falou:

-- O Junior me ligou hoje pela manhã.

-- Disse como estava? – perguntou Ricardo, preocupado – Ele não ligou para mim – queixou-se.

-- Ligou sim, mas você estava em reunião – disse ela em defesa do filho.

-- É, foi uma reunião um pouco chata – falou Ricardo, recordando-se das desavenças que teve com Peter e Augusto -- mas como ele está?

-- O tratamento está quase no fim, está ótimo do coração, já não precisa mais tomar muitos remédios – respondeu Susana, preocupada com o esposo. "Ricardo estava preocupado com alguma coisa."

-- Ótimo, quero ver meu filho curado – Ricardo falou.

-- Você está bem? – perguntou ela segurando carinhosamente a mão de Ricardo – Você parece preocupado.

-- Estou bem, meu amor – respondeu ele, carinhosamente -- apenas alguns assuntos da empresa. Não se preocupe. – Ricardo completou – Vamos escolher a sobremesa?

Suzana não respondeu, apenas concordou com a cabeça, sorrindo. Não tinha ficado satisfeita com a resposta do marido.

Ela observava Ricardo, enquanto ele chamava o garçom para fazer o pedido, ele parecia cansado, abatido. Com certeza por causa da sua saúde. Seu coração não estava bom. Mesmo com todos os medicamentos que estava tomando.

-- Sua bebida preferida – interrompeu Ricardo, oferecendo uma

taça de vinho para Susana – brindemos aos nossos filhos – disse ele sorrindo.

Suzana pegou a taça gentilmente da mão de Ricardo e sorriu:

– A eles e a nós, meu amor.

Se olharam por segundos após o brinde, Suzana não se contendo, perguntou:

-- Por que você não tenta fazer o mesmo tratamento que o Junior está fazendo?

-- Suzana, meu amor, eu já estou velho. O Junior começou com o tratamento ainda criança e, na adolescência foi para os EUA para completar o tratamento – respondeu ele, afetuoso – na minha idade, isto não é mais possível, e graças a esse tratamento, ele não precisou se submeter a um transplante.

Se olharam carinhosamente por segundos, Suzana entendia o que Ricardo sentia.

-- Você foi ao médico hoje?

-- Sim. O dr. Álvaro disse que estou bem. Que não preciso me preocupar com coisa alguma -- Ricardo respondeu, sorrindo – meu coração está forte como um touro – completou, tranquilizando-a -- Só preciso regular as doses do remédio. Ele até diminuiu a dose -- completou, após tomar um gole do seu vinho.

-- Fico feliz meu amor. Só que não abuse da bebida alcóolica, viu?! – brincou ela, apontando para a taça de vinho na mão de Ricardo – Ainda quero viver muitos, muitos anos ao seu lado.

Ricardo olhou carinhosamente para ela. “Como amava Suzana, ela era a mulher da sua vida. Não faria nada para magoá-la, eram muito felizes juntos. Desde a primeira vez que a viu, já sabia que ela seria sua para sempre.”

-- Nós viveremos ainda por mais uns 100 anos, meu amor – falou ele acariciando a face de Suzana.

-- Não exagere Ricardo, não viverei tanto assim.

-- Você viverá muito ainda, Suzana. É uma mulher muito forte e

especial – ele falou segurando as mãos dela entre as suas.

-- Você também Ricardo – disse ela sorrindo.

-- Vamos encerrar a conta? – perguntou ele, mudando de assunto.

-- Vamos sim, eu ainda tenho que ir ao orfanato – ela respondeu, enquanto Ricardo chamava o garçom.

-- Orfanato?! – perguntou Ricardo, surpreso, franzindo a testa.

--Sim. Esqueceu que hoje é dia de visitas? Ricardo, você esqueceu que uma vez por semana eu e as meninas levamos cestas e mais brindes para o orfanato das crianças? – perguntou ela, se fazendo de braba.

-- Claro. Que cabeça a minha -- disse ele rindo – eu lhe dou uma carona. Aceita? – perguntou ele se levantando e puxando a cadeira para Suzana, após pagar a conta.

-- Eu adoraria, mas a carona será até a associação, combinei com as meninas que iriamos todas juntas de lá – Suzana falou, enquanto chegavam até a porta do restaurante.

-- Te deixo então na associação – concordou Ricardo abrindo a porta do carro para Suzana entrar.

-- Você chegará cedo hoje? – ela perguntou, após Ricardo entrar no carro.

-- Não sei, tenho uma reunião às 16h – respondeu ele já com o carro em movimento – talvez eu me atrase para o jantar – completou, olhando para esposa.

-- A reunião é sobre o edifício Manhatan? – perguntou ela, já sabendo a resposta.

-- Sim. Pela manhã já resolvemos que iremos dar continuidade -- respondeu Ricardo – a tarde será sobre as definições finais – completou ele, pensando em como seria o rumo da conversa. “Com certeza encontraria resistência em Augusto e quem sabe, também em Peter.”

Suzana percebia que alguma coisa estava incomodando o espo-

so. E com certeza era sobre esse empreendimento.

Ricardo parou em frente a associação onde Maria Suzana prestava serviço voluntário. Ela amava fazer aquele serviço.

-- Pronto minha querida, chegamos – disse ele amavelmente, virando-se para a esposa.

-- Ricardo, não seria melhor você desistir dessa ideia? – perguntou ela – Essa concorrência do Manhatan – completou.

-- E porque eu desistiria? – perguntou ele surpreso, olhando seriamente para Suzana – Eu pensei que você estava me apoiando nesse novo projeto.

-- Eu apoio você em tudo, meu amor. Mas estou com um pressentimento estranho sobre isso – ela falou, preocupada e apreensiva – o que os demais diretores acham disso tudo?

-- Você sabe Suzana, nem todos são a favor – respondeu Ricardo, em meio a um suspiro.

-- Quem por exemplo?

-- Augusto – respondeu ele –e acho que ele está influenciando Peter. Pois ele também mostrou resistência hoje pela manhã.

-- E o Otávio? – ela perguntou.

-- Otávio é um amigão, um irmãozão, você sabe. Ele me apoia em tudo.

Ricardo se calou por instantes, uma lembrança do amigo lhe veio à mente. E olhando para Suzana completou:

-- Ele sabe tanto quanto eu, o que é ou não melhor para a Acompany.

-- Provavelmente Augusto e Peter estão preocupados por causa do corrido em 1990 – falou ela tentando justificar as atitudes dos sócios.

-- 1990?! Será que não podem esquecer?! – desabafou ele, irritado – Desculpa, Suzana. Mas até você agora com essa de 1990 – Ricardo falou, segurando as mãos da mulher – o que aconteceu em 1990, aconteceu e é passado.

-- Eu compreendo você, por mais que você não perceba isso. Mas agora é diferente Ricardo, são outros tempos.

-- O que importa é o futuro. Esse empreendimento será um sucesso e marcará para sempre o nome da Acompany.

-- E Without? – perguntou Suzana, preocupada – Ele poderá arrumar problemas.

-- Não sei porque ele faria isso... – Ricardo respondia, quando de repente parou de falar. Olhou seriamente para Maria Suzana, "porque ela estaria lhe falando aquelas coisas?"

-- Suzana, o que foi que andaram te falando? – ele perguntou para a esposa, desconfiado.

-- Ninguém andou me falando nada, Ricardo – ela respondeu aborrecida – será que eu não posso me preocupar com você? Eu simplesmente não quero que nada de mal te aconteça, eu não suportaria viver sem você!

-- Suzana! Meu amor, nada irá me acontecer – Ricardo falou, sorrindo – é só uma concorrência, como todas as outras – completou.

Suzana o olhou profundamente. "Porque que ela não acreditava?"

-- Não sei Ricardo – ela suspirou fundo e continuando disse:

--Tenho a impressão que não é somente uma simples concorrência, Ricardo. Eu te conheço muito bem, melhor do que você imagina. Você anda muito empenhando com esse projeto, da mesma maneira e do mesmo jeito que em 1990.

-- Eu sei, 1990 novamente – disse ela, após a expressão de desaprovação do marido. E não dando vez para Ricardo se defender, continuou:

-- Ricardo, o que eu quero que você entenda, é que não precisamos mais de sucessos, crescimentos elevados e fama. Você – disse ela apontando para ele – não precisa mais disso, já alcançou e conquistou tudo o que sempre sonhou.

-- Mas não é nada disso, Suzana. Não estou fazendo tudo de novo,

como vocês estão teimando em dizer que estou fazendo – falou ele, olhando profundamente para a mulher -- só quero mais uma vez, pela última vez, fazer algo audacioso, me arriscar. -- disse ele, sério e compenetrado em um ponto perdido no céu – Quero mostrar para mim mesmo, pela última vez, que ainda posso ser o melhor – falou virando-se para ela.

-- Então é isso Ricardo. Você quer se arriscar, arriscar a Acompany, seus sócios e todos que confiam em você, simples- mente porque quer erguer mais ainda seu ego arrogante – Suzana falou séria e ríspida – pra você não importa o que as outras pessoas pensam ou deixam de pensar, nem mesmo todos os que ajudaram você a chegar onde você chegou.

Ricardo nada falou, apenas olhou para Suzana por segundos. "Será que ela estaria com a razão?"

Mas ele não pensava daquela maneira.

-- Ricardo, você poderá mais uma vez acabar com um concorrente.

-- É o risco, Suzana. Em qualquer negócio temos que arriscar, e pessoas como Luiz Without sabe disso, como Antonio Rebel sabia em 1990.

-- Ricardo Sastid, não subestime seus adversários. Você pode não ter a mesma sorte que...

-- Que em 1990! – completou ele, interrompendo Suzana – Ora, Maria Suzana, construir o Império D' Aviz em 1990, foi o melhor investimento e risco que a Acompany já fez, na época todos os sócios foram a favor, todos nós concordamos arriscar daquele jeito. Eu não me arrependo de ter participado, ter aprovado e de ter arriscado tudo o que arriscamos para conseguir ganhar na época – parou por segundos, lembrando-se de Sergio, o mentor de todo o sucesso que foi o Império D'Aviz.

Foi com Sergio que ele aprendeu a não ter medo para arriscar. Foi através do amigo que...

-- Ricardo! – chamou Suzana – Está tudo bem? – ela perguntou

segurando amavelmente as mãos do marido.

-- Sim, está tudo bem – ele respondeu sorrindo, virando-se para Suzana – eu me peguei a pensar em Sergio. Foi com ele que aprendi tudo o que sei Suzana, foi através dele que me tornei o que sou hoje. E foi graças a ele, em 1990, que a Acompany se transformou na maior construtora desta cidade.

-- Eu sei Ricardo – falou Suzana, deixando cair uma lágrima dos olhos.

-- Você está chorando? Porque? – ele perguntou, enxugando as lágrimas que escorriam pelo rosto da mulher.

-- Ah Ricardo, eu me preocupo muito com você. Com sua saúde. Sérgio morreu logo depois de todo o sucesso da Acompany, ele não aguentou todas as pressões que vocês começaram a receber – Suzana, falava meigamente -- e o seu coração, meu querido, não é dos mais fortes – disse ela, colocando a mão suavemente sobre o peito de Ricardo – Você já parou para pensar que se ganharem essa concorrência, a Acompany não será mais a mesma? Você está preparado para todas as pressões que vocês irão receber?

-- Eu já pensei sim em todas as possibilidades, meu amor – respondeu ele acariciando o rosto dela carinhosamente – e estou ciente de tudo o que pode acontecer. Também estou muito, mas muito preparado para assumir todas as consequências que poderão vir a surgir, seja elas quais forem – Ricardo falou, tentando aliviar a tensão da mulher – não se preocupe comigo, meu coração e a minha saúde estão muito bem. Palavra do Dr. Álvaro. OK?

Maria Suzana olhou para o marido, não adiantaria continuar com aquela conversa. Ricardo era teimoso. Não dava ouvidos a ninguém. Ela iria torcer para que ele não se machucasse. Pois com certeza Luiz Without não seria tão compreensivo com a Acompany e, menos ainda com Ricardo, caso eles ganhassem a concorrência. A fama de Without não era muito boa, e isso a preocupava.

Três dias depois...

PARTE 2

-- Sr. Ricardo, telefone para o senhor. É Luiz Without, na linha dois.

-- Obrigado, Estephany, atenderei logo. Peça para ele aguardar alguns segundos, por favor.

-- Sim senhor – respondeu a secretária, desligando.

Ricardo terminou seu charuto e em seguida atendeu ao telefonema de Without.

-- Alô? – disse ele.

-- Sastid, bom dia! – falou Without, feliz.

-- Bom dia Luiz Without. A que devo a honra da sua ligação?

-- Gostaria de conversar com você ainda hoje, antes do almoço.

-- Antes do almoço? – perguntou Ricardo, olhando para o relógio – Vou consultar a minha secretária sobre meus horários, só um momento – pediu Ricardo, colocando a ligação na espera. Recostou-se na sua cadeira tentando imaginar o que Without poderia querer com ele, e logo hoje? Voltou-se para o telefone e pegou a ligação novamente.

-- Infelizmente antes do almoço não será possível, Without. Tenho um compromisso inadiável – mentiu ele.

-- É um assunto muito importante Ricardo – insistiu o homem.

-- Não posso Without – Ricardo rebateu.

Without pensou por segundos, não iria adiantar tentar insistir com Ricardo. Seria melhor marcar para depois do almoço, o quanto antes falasse com seu concorrente, melhor.

-- Está bem então, Ricardo, se não tem outro jeito. Pode ser às 13h?

-- Às 13h, Without? Assim você me sufoca – disse Ricardo, rindo – não terei nem tempo de dar uma relaxada após o almoço.

--Não enrole Ricardo, eu sei que você sempre está aí às 13h.

-- Está me investigando, é?! – brincou Ricardo – Ok, eu te espero aqui às 13h. Mas não se atrase.

-- Não vou me atrasar. Às 13h estarei aí.

-- Até depois então – despediu-se Ricardo.

-- Até. Tchau – falou Without, desligando.

Ricardo levantou-se e encaminhou-se para o barzinho, servindo-se de um copo de água, voltou a sua mesa e acomodou-se na cadeira. Sabia porque Without queria conversar. Com certeza era sobre a concorrência. "Mas por quê? Os envelopes ainda não foram abertos e o conteúdo era sigiloso, apenas o banco poderia saber seu conteúdo. Estaria Without já prevendo que perderia? E iria tentar persuadi-lo a mudar de ideia? "

Ricardo lembrou-se da conversa com Suzana, dias atrás, da preocupação que ela estava sentindo.

"Ninguém o faria mudar de ideia. Ele não voltaria atrás, acontecesse o que acontecesse. Iria até o fim."

Olhou novamente para o relógio, 09h30min, ainda era cedo e não tinha nenhum compromisso pela manhã, teria tempo de sobra para ir até em casa almoçar com Suzana e, ainda, dar uma relaxada tomando uma taça de vinho com a esposa. A tarde marcaria uma partida de tênis com James, seu cunhado. Para comemorar sua vitória. Mas antes mesmo de levantar da sua cadeira, o telefone tocou, era Peter.

-- Ricardo, podemos conversar? – perguntou seu sócio.

-- Até você Peter? – Ricardo perguntou, rindo.

-- Até eu o que, Ricardo?! – Peter perguntou.

-- Estou apenas brincando – respondeu Ricardo -- é que hoje

tiraram para quererem conversar comigo – ele explicou – venha já, completou.

-- Estou indo – disse Peter, desligando. Sem entender a brincadeira do sócio.

Ricardo colocou o fone no gancho e levantando-se foi até o bar, serviu dois copos de whisky e segundos depois a porta da sala abriu-se e Peter entrou.

-- Rápido como sempre! – brincou Ricardo entregando um dos copos para Peter – Ótimo! Ainda está em forma – completou, sentando-se em uma das pontas do grande sofá da sala.

-- E você também – respondeu Peter, pegando o copo e sentando-se ao lado de Ricardo.

-- Vamos logo ao que interessa Peter. O que aconteceu? – Ricardo perguntou, após tomar um gole do seu whisky.

-- Bom, antes de vir para a empresa hoje de manhã, fui ao banco para a entrega do envelope...

-- Hoje de manhã?! – indagou Ricardo, interrompendo seu sócio -- Mas, não iria ser hoje à tarde? – perguntou surpreso, lembrando da inesperada ligação de Without.

-- Sim, mas mudaram o horário, me ligaram ontem no final do dia. Você já havia ido embora – Peter explicou.

-- E porque você não me ligou? Não me avisou? – Ricardo estava brabo – Você sabe o quanto isso me interessa – falou, levantando-se e parando em frente de Peter – eu iria junto, lembra?

-- Calma, Ricardo – pediu Peter levantando-se e batendo suavemente no ombro de Ricardo – sente-se, vou explicar.

Ricardo suspirou fundo e sentou-se. “Com certeza haviam perdido, por isso Without ligou querendo marcar um horário. Com certeza quer rir na minha cara...”

-- Ricardo, você está me ouvindo? Ricardo! – chamou Peter – Ouviu o que eu disse?

Ricardo encarou Peter, não o perdoaria, ele deveria tê-lo avisado

-- Peter, você agiu errado em não ter me avisado.

-- Ricardo, eu tentei, juro! Liguei várias e várias vezes para seu celular, mas estava desligado, e você não tem o serviço da caixa postal. Na sua casa não tinha ninguém. O que queria que eu fizesse? Liguei para Otávio, e fomos nós. Cheguei ainda a pouco, minutos antes de ligar para você.

-- E porque não ligou para minha casa mais a noite – dizia ele irritado – mesmo que fosse de madrugada, poderia ter ligado – completou, lembrando-se do compromisso da noite anterior, havia acompanhado Suzana em um jantar beneficente que acabou muito tarde, era proibido o uso de qualquer aparelho eletrônico, até mesmo celulares.

-- Ricardo, por favor, de madrugada eu estava dormindo – Peter falou se levantando – não exagere! – disse ele áspero, encarando o sócio – Você quer ou não saber o que aconteceu?

Ricardo levantou-se e ao lado de Peter perguntou:

--Qual foi a diferença? Without ganhou por muita diferença?

-- Como sabe que foi ele quem ganhou? – Peter perguntou, desconfiado – Por acaso o gerente do banco te ligou?

-- Não! Foi o próprio Without quem me ligou, querendo agendar uma conversa – respondeu Ricardo áspero, se encaminhando para o bar e servindo-se de mais uma dose de whisky.

-- Você está bem, Ricardo? – Peter perguntou preocupado.

-- Se estou bem? Você ainda pergunta? -- Ricardo falou rispidamente, virando-se para Peter. Tomou um longo gole do seu whisky e respirando fundo, continuou:

– Sim, estou bem, quer mais uma dose? – perguntou erguendo a garrafa do whisky.

-- Não, obrigado. Essa já é suficiente – respondeu Peter, erguendo seu copo – ainda é cedo para beber – ele completou.

-- Qual foi a diferença? – Ricardo perguntou se aproximando – E antes que eu esqueça, onde está Otávio?

-- Não sei, não faço a mínima ideia -- Peter deu de ombros – depois que tudo acabou, ele mal se despediu e saiu.

Ricardo não respondeu. Ficou sério e pensativo.

-- Without ganhou com uma diferença de 5% a menos do nosso valor – falou Peter.

-- É impossível!! – bradou Ricardo – Nós chegamos ao limite. Como ele conseguiu fazer por menos ainda?!

Houve silêncio. Nenhum dos dois falou nada. Até que a porta se abriu e Otávio entrou.

-- Fomos traídos – falou ele se aproximando do bar e servindo-se de conhaque.

--Traídos?! – Ricardo resmungou, se aproximando de Otávio – Mas por quem? – perguntou virando-se para Peter, encarando-o.

-- Ei, espere aí Ricardo – Peter se apressou em dizer – não me olhe assim, eu não tenho nada a ver com isso. Explique isso direito Otávio – falou ele, virando-se para o sócio.

Ricardo e Otávio se olharam por segundos, quando de repente Otávio se encaminhou ao sofá e sentou. Tomou um gole demorado do seu conhaque e com um sorriso sarcástico disse:

-- Não se preocupem, o traidor já não está mais entre nós.

-- Como assim? – perguntou Ricardo se aproximando.

-- Otávio, o que você fez? – Peter perguntou, preocupado.

-- Nossa! O que é isto? Estão me estranhando? Vocês não estão achando que eu...não! Vocês são loucos! – falou ele – Acham que eu...

-- Sumiu com o traidor, escafedeu-se com ele – completou Ricardo, franzindo a testa.

-- Eu quis dizer, que o nosso traidor não está mais entre nós, porque não trabalha mais aqui na empresa – explicava Otávio, quando Peter o interrompeu:

-- Carlos! Foi Carlos quem nos traiu – disse ele olhando para Otávio -- ele pediu demissão e foi trabalhar com Without – completou virando-se para Ricardo.